

I

O meu nome é Arthur Gordon Pym. O meu pai era um respeitável comerciante de artigos para a marinha em Nantucket, lugar onde nasci. Meu avô materno era procurador e tinha uma boa clientela. Afortunado em todos os negócios em que se metia, ganhou imenso dinheiro especulando com as acções do Edgarton New Bank, na altura da sua fundação. Por estes e outros meios, consegui arranjar uma fortuna razoável. Como penso que me estimava mais do que a qualquer outra pessoa no mundo, tinha uma certa esperança em ser o seu principal herdeiro. Quando fiz seis anos, mandou-me para a escola do velho Sr. Ricketts, bom homem que apenas tinha um braço e excêntricas maneiras. Quem já esteve em New Bedford conhece-o com toda a certeza. Até aos dezasseis anos, estive na sua escola, de onde saí para ingressar na academia do Sr. E. Ronald, situada na montanha. Aí, tornei-me íntimo amigo do filho do Sr. Barnard, oficial de marinha, que, normalmente, viajava por conta da casa Lloyd & Vredenburg. Também era muito conhecido em New Bedford e sei que tinha vários familiares em Edgarton. O filho chamava-se Augustus e era mais velho do que eu cerca de dois anos. Em determinada altura, tinha acompanhado o pai no baleeiro *John Donaldson* numa das suas viagens e, continuamente, relatava-me a peripécias por que tinha passado no Oceano Pacífico do Sul. Frequentemente ia com ele a casa da família onde passava todo o dia e, uma vez por outra, a noite. Dormíamos na mesma cama, e conseguia manter-me acordado

até ao romper da aurora, contando-me uma longa série de histórias sobre os nativos da ilha de Tinian e de outros lugares que tinha visitado nas suas viagens. Com a contínua repetição destes relatos, acabei por me interessar de tal maneira que, pouco a pouco, um único e obsessivo desejo existia em mim: embarcar e ir pelo mar fora. Possuía nessa altura um pequeno veleiro chamado *Ariel* que talvez valesse setenta e cinco dólares. Tinha o tombadilho cortado, uma segunda câmara e estava aparelhado com uma vela principal no centro e, na proa, uma vela triangular; já não me lembro da sua tonelagem, mas podia levar à vontade dez pessoas. Com este barco fizemos as maiores loucuras e, agora, quando penso nisso, espanto-me por ainda estar vivo.

Como introdução a uma narrativa mais extensa e importante, poderei contar uma dessas aventuras. Certa noite, havia uma recepção na casa dos Barnards e, em fim de festa, encontrávamo-nos, Augustus e eu, bastante bebidos. Por este motivo, como costumava fazer em ocasiões semelhantes, em lugar de regressar a casa, preferi ficar em casa do meu amigo. Penso que Augustus adormeceu logo profundamente — era quase uma hora da madrugada quando as visitas se retiraram —, tanto mais que não disse uma só palavra sobre os seus assuntos preferidos. Entretanto, tinha já passado uma boa meia hora desde que nos tínhamos deitado, estava quase a adormecer, quando ele se levantou repentinamente e, após um palavrão terrível, jurando por todos os Arthurs Pym da cristandade, afirmou que não dormiria nessa noite quando soprava uma tão magnífica brisa de sudoeste. Fiquei, como é de calcular, completamente siderado, sem perceber o que Augustus pretendia, mas, no fundo, atribuindo aquelas estranhas palavras ao efeito da enorme quantidade de vinhos e licores que tinha bebido. Contudo, para meu espanto, começou serenamente a falar, dizendo-me que sabia muito bem que eu devia pensar que ele estava bêbedo, mas, pelo contrário, nunca em dias da sua vida tinha estado tão calmo. Acrescentou ainda que estava farto de estar deitado na cama que nem um cão, para mais com uma noite daquelas, e que, por isso, estava decidido a levantar-se, vestir-se e sair para dar uma volta de barco. Não consigo relatar o que então se passou em mim, mas, mal o meu amigo se calou, senti um frêmito de excitação e de alegria e pareceu-me aquela louca ideia uma das

coisas mais deliciosas e razoáveis do mundo. A brisa que então soprava era quase uma tempestade e o tempo estava muito frio, tanto mais que estávamos quase no fim do mês de Outubro. Apesar disto tudo, saltei rapidamente da cama, quase demente, e disse-lhe que era tão valente como ele, que estava também farto de estar na cama que nem um cão, e também pronto a compartilhar todos os prazeres do mundo com todos os Augustus Barnard de Nantucket.

Vestimo-nos apressadamente, e precipitámo-nos para o arruinado molhe dos estaleiros de Pankey & Co., junto ao qual estava amarrado o meu veleiro, batendo lugubrememente com o costado contra o tosco madeiramento. Augustus entrou no barco e pôs-se imediatamente a baldear a água que enchia o *Ariel*. Feito isto, içámos o cutelo e a vela grande e, resolutamente, a todo o pano, dirigimo-nos para o mar alto.

O vento, como disse, soprava fresco de sudoeste. A noite esta límpida e fria. Augustus tomou conta do leme e eu instalei-me perto do mastro, sobre a coberta da cabina. Sulcávamos as águas a grande velocidade e nenhum de nós tinha dito uma só palavra desde que largáramos amarras. Mas, por fim, perguntei ao meu companheiro qual a rota que pretendia seguir, e quando calculava que regressássemos a terra. Assobiou durante alguns minutos, e depois, num tom de voz irritante, disse: — *Eu* vou para o mar, mas *você*, se assim o entender, pode perfeitamente ir para casa!

Olhando para ele, logo me apercebi de que, apesar da sua falsa *nonchalance*, estava vivamente agitado. Podia vê-lo nitidamente contra a claridade da lua: o rosto estava mais branco do que o mármore, e as mãos tremiam-lhe tanto que a custo segurava no leme. Reparei que acontecera qualquer coisa de grave e alarmei-me seriamente. Nesta altura, os meus conhecimentos náuticos eram fracos e fiquei assim completamente à mercê da ciência do meu amigo. O vento também se tornara bruscamente mais frio, visto que tínhamos sido arrastados para longe da costa; mas de modo algum queria deixar transparecer o mínimo receio e, durante cerca de uma hora, mantive um mutismo total. Contudo, não podendo suportar por mais tempo esta situação, falei a Augustus da necessidade de regressarmos a terra. Mais uma vez, manteve-se calado aproximadamente um minuto, sem dar qualquer indicação de que me tinha ouvido.

— Vamos já — disse por fim —, temos tempo... em nossa casa... vamos já. — Já estava à espera de semelhante resposta, mas havia qualquer coisa no seu modo de falar, que me encheu de uma indescritível sensação de medo. Olhei-o novamente com a máxima atenção. Os lábios estavam completamente lívidos e os joelhos tremiam-lhe de tal maneira que parecia não se poder manter por mais tempo em pé.

— Por amor de Deus, Augustus! — exclamei, já completamente aterrorizado. — Que tem?... Que se passa?... Que pretende fazer?

— Que se passa?! — balbuciou espantado Augustus, ao mesmo tempo que largava a barra do leme, deixando-se cair no fundo do barco. — Que se passa?! Nada... absolutamente nada... em casa... lá chegaremos, que diabo!... Não vê isso?

Foi então que se me deparou toda a verdade. Corri para ele e levantei-o. Estava bêbedo, brutalmente bêbedo: não se aguentava em pé, não falava, não via. Tinha os olhos vidrados, e, no meio do meu imenso desespero, larguei-o e ele rolou como um cepo na água do fundo do barco de onde o tinha retirado. Era evidente que durante a festa tinha bebido muito mais do que eu imaginara, e que o seu comportamento no quarto tinha sido o resultado de uma dessas bebedeiras reforçadas que, como a loucura, dão por vezes à vítima a faculdade de imitar o comportamento exterior das pessoas em plena posse dos seus sentidos. Contudo, a atmosfera fria da noite tinha produzido o efeito natural; a energia mental tinha cedido à sua influência e a percepção confusa que, sem sombra de dúvida, ele tivera da nossa perigosa situação tinha contribuído para apressar a catástrofe. Agora estava completamente inerte e não era natural que o seu estado se modificasse antes de algumas horas.

Não é possível transmitir em palavras toda a extensão do meu terror. Os vapores do vinho tinham-se dissipado e estava agora tímido e irresoluto. Sabia que era de todo incapaz de governar o barco, e que o vento furioso e as fortes ondas nos lançavam para a morte. Nas nossas costas, formava-se com toda a nitidez uma tempestade. Não tínhamos bússola nem provisões e era evidente que, se mantivéssemos a rota em que seguíamos, perderíamos a terra de vista antes do amanhecer. Estes pensamentos, como muitos outros, igualmente terríveis, cruzaram-se-me no espírito com a velocidade do relâmpago

e, durante alguns momentos, mantiveram-me paralisado, incapaz de qualquer gesto. O barco cortava as águas a uma velocidade medonha, com vento a seu favor e sem rizes no cutelo ou vela grande, mergulhando a proa na espuma das ondas. Era o milagre dos milagres não ter ainda sido destruído, pois Augustus, como já disse, tinha largado o leme e eu estava demasiado agitado para pensar em o tomar. Mas a sorte quis que o barco se mantivesse a favor do vento e, pouco a pouco, consegui recuperar em parte a presença de espírito. O vento continuava a aumentar de intensidade e quando nos levantávamos, depois de haver mergulhado de proa, as vagas caíam esmagadoras sobre a ré, encharcando-nos totalmente. Estava com o corpo tão gelado que quase não dava conta das minhas sensações. Por fim, fazendo apelo a todas as forças do desespero, precipitei-me para a vela grande e dei-lhe todo o pano. Como era de esperar, correu por cima da proa e, ao empapar-se de água, arrastou consigo o mastro pela borda fora. Foi este último acidente que me salvou da iminente destruição. Apenas com o cutelo, podia agora navegar com vento de popa e, embora de vez em quando entrasse muita água pela ré, estava livre do espectro de uma morte imediata. Empunhei o leme e respirei com mais tranquilidade ao ver que ainda tínhamos algumas esperanças. Augustus continuava insensível no fundo do barco. Como estava em perigo iminente de se afogar (a água já atingia um pé de altura no lugar onde caíra), tentei levantá-lo um pouco e, para o manter sentado, passei-lhe uma corda à volta do peito, corda essa que amarrei a uma argola na cobertura da cabina. Tendo arranjado assim as coisas da melhor maneira que me foi possível, gelado e agitado como estava, encomendei-me a Deus e dispus-me a aguentar tudo o que viesse a suceder-me com a coragem de que me sentia capaz.

Tinha acabado de tomar estas resoluções, quando, subitamente, um forte e enorme grito, um urro, como se saísse das gargantas de mil demónios, pareceu atravessar o espaço e ressoar por cima do barco. Nunca poderei esquecer, em dias da minha vida, o intenso frémito de terror que senti naquele momento. Arrepiaram-se-me os cabelos, senti o sangue gelar-me nas veias, o coração parou de bater e, sem erguer uma só vez os olhos para ver a causa do meu terror, caí de borco, como um peso morto, sobre o corpo do meu companheiro.